

SESSÕES DO PLENÁRIO

71ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 23 de novembro de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao Dia da Consciência Negra, com o tema: Protagonismo da Juventude Negra na Luta Contra o Racismo. Esta sessão é proposta pelo deputado Bira Corôa.

Convido para compor a nossa Mesa: Sr. Secretário de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Carlos Martins; Sr.^a Defensora Pública, Mônica Aragão, representante do defensor público geral, Clériston Cavalcante de Macedo; Sr.^a Coordenadora de Ações Afirmativas, Iole Macedo Vanin, representando o reitor da UFBA João Carlos Salles; Sr.^a Coordenadora do Núcleo de Matriz Sul-africana, capitã Thais Trindade, representando o comandante-geral da Polícia Militar, Cel. Anselmo Brandão; Sr. Secretário de Articulação Institucional, Marcelo Lemos, representante do reitor da Uneb professor José Bites de Carvalho; Sr. Vereador do município de Camaçari José Marcelino Filho; Sr.^a Representante do Programa Corra pro Abraço, Maria Carolina Silva; Sr.^a Representante do Instituto Odara, Ana Paula Rosário; a realizadora Cultural Circuito Rolezinho, Sr.^a Luma Paula Silva Nascimento; Sr.^a Presidente do Conselho Estadual da Juventude, Natália Gonçalves; o Sr. Representante do Núcleo de Prisão em Flagrante do Programa Corra para o Abraço, Sr. Rodrigo da Cruz Barbosa; o Sr. Coordenador do Fórum Estadual de Educação, Március Gomes; o Sr. Articulador Político do Cipó Comunicação Interativa, Eduardo Machado; aproveito e convido para compor a nossa mesa a nobre deputada Maria del Carmen. (Palmas)

Aproveito e solicito que a senhora presida esta sessão para que eu possa fazer uma fala inicial.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- É com muita alegria que convido a utilizar a palavra o deputado proponente desta sessão especial, deputado Bira Corôa. (Palmas)

O Sr. BIRA CORÔA:- Nobre deputada que preside esta sessão, deputada Maria del Carmen, a quem eu quero, ao fazer a saudação, também estender um agradecimento especial. É uma deputada que está sempre presente nas ações da Comissão, sempre presente nas ações que este mandato tem conduzido nesta Casa e, posso dizer, cúmplice, de um enfrentamento muito duro, mas que a gente tem conseguido conduzir nesta Casa e nas ações da sociedade pela participação do seu mandato, pela presença e, acima de tudo, pela disposição de luta. Nobre deputada, a

Comissão Especial de Promoção da Igualdade desta Casa é sempre grata, porque a manutenção desta Comissão se deu exatamente por um ato de grandeza e de responsabilidade quando a senhora colocou o seu nome para assumir a presidência desta Comissão no momento em que a gente estava enfrentando internamente um processo de rodízio obrigatório e rotineiro no cumprimento, para que a gente não perdesse a sequência dos trabalhos que vinham sendo desenvolvidos pela Comissão, a senhora emprestou o seu nome, assumiu a condição de depois assumir uma sub comissão e nos delegar a responsabilidade de condução dessa Comissão.

Então sempre grato. E o trabalho que a gente tem conseguido desenvolver nesta Casa tem a marca e a assinatura da sua cumplicidade e da parceria.

Quero pedir desculpas a toda Mesa. Já fiz nomeações ao convocá-la, para não levarmos todo o tempo citando-a. Quero, em nome do secretário Carlos Martins, saudar toda a Mesa e, em nome da deputada Maria del Carmen, especialmente, quero saudar todas as mulheres aqui presentes. (Palmas) E não podia deixar de saudar, acima de tudo, a essa gurizada aqui presente, e quanto é significativo e importante a gente começar os debates, as discussões muito cedo. Falaremos isso no processo.

Queria saudar, agradecer a presença de todos e todas e ser breve. Breve porque essa audiência que demarca nesta Casa a 10ª audiência em celebração da Consciência Negra, realizada aqui pela participação do mandato e da Comissão da Promoção da Igualdade a qual presidimos nesta Casa, e hoje com um tema muito significativo, que é o protagonismo da juventude negra na contemporaneidade. Muito significativa porque nós crescemos, e eu faço referências a isso, destacando que o futuro é a criança de hoje. A gente costuma dizer: “A criança de hoje é o futuro, ou é o amanhã.” Mas que futuro, que amanhã estamos destinando à criança de hoje? Então, debater a participação da juventude como protagonista da sua própria história é que é a base desse contexto.

Vereador José Marcelino, grande parceiro que em Camaçari desenvolve trabalhos muito voltados a esse contexto, a essa discussão, como debater o futuro para a juventude de hoje se ainda assistimos comodamente, passivamente, o extermínio da juventude negra e a criminalização da juventude e das suas lideranças como um fato corriqueiro e comum no convívio do cotidiano? Como discutirmos o protagonismo da juventude negra quando não lhe damos, pelo menos, direitos e acesso à educação pública de qualidade, quando não lhe permitimos acesso à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer? Quando não criamos perspectivas de desenvolvimento e de crescimento no mercado de trabalho? Quando não inserimos essa criança no contexto da sociedade como parte estruturante dessa sociedade?

Então, debatermos o protagonismo não é apenas trazer a juventude para compor na condição de figurantes desse contexto social e da estrutura dessa sociedade. Nós estamos vivenciando a perda constante de meninos e meninas na sua quase totalidade negros e negras, oriundos da periferia das nossas cidades e também do campo para o crime organizado, vivenciando o aliciamento desses menores, dessas crianças e adolescentes para o narcotráfico, para a prostituição e, conseqüentemente, para os desvios sociais.

E assistimos na grande mídia a rotulação e a criminalização da nossa juventude quando estatisticamente ela é encaixada quando tem relação com o tráfico, participou do crime organizado ou pertence a gangue A, gangue B, gangue C, quando não discutimos as razões pelas quais essas crianças e esses jovens foram conduzidos aos desvios sociais, e qual o papel ou a estrutura que o Estado tem colocado à disposição dessa criança, desse jovem ou desse adolescente para que não seja aliciado ou conduzido para o que chamamos à margem dessa sociedade.

Então essa audiência de hoje tem um significado muito especial para esta Casa, porque esta Casa é a Casa do Povo, mas ainda é a Casa que foi projetada para não ter o povo, ainda é a Casa que foi destacada e consolidada para que a sociedade não a visitasse, não fosse parte desse processo. Esta é a Casa que rege as leis, que elabora, que aprova as leis. É a Casa que aprova os orçamentos, é a Casa que fiscaliza a aplicação dos recursos das políticas de Estado, mas também é a Casa que ferve o contexto dos interesses dos diversos setores dessa nossa sociedade.

Então esta é a Casa que tem que estar debatendo o verdadeiro protagonismo da juventude negra, e também a nossa presença nessa sociedade, que deve estar fazendo o enfrentamento à todas as ações de discriminações, de intolerância e de violência do contexto dessa nossa sociedade e em especial da nossa juventude.

Claro, que hoje temos muito a comemorar, avanços significativos nas políticas implementadas no plano federal, especialmente no plano estadual. Mas não podemos apagar a luz do alerta e da responsabilidade porque estamos vivenciando o pior dos momentos da história deste País, estamos sob o efeito de mais um golpe, mais um golpe na histórica política deste País, e dessa vez o golpe mais perverso já implementado, sem nenhum escrúpulo, sem nenhum ponto de sustentação.

Sob a alegação de uma pedalada se retira uma presidente eleita com mais de 54 milhões de votos, que referenda a confiança e a delegação de poder e de gestão do povo brasileiro, e o País passa a ser conduzido por um governo implantado e implementado num golpismo e na utilização indevida dos recursos públicos para sua manutenção sobre os escândalos que são postos.

E aí assistimos, mais uma vez, a ruptura dos Poderes constituídos: o Poder Judiciário já não tem referências para manter as leis vigentes deste país; no Legislativo o congresso nacional já não representa os interesses do povo brasileiro e não tem a capacidade de fazer a condução; o Executivo não tem o poder de ação e não pode implementar políticas, porque as ações conduzidas por ele são contra as conquistas dos interesses da sociedade, especialmente da classe trabalhadora, quando extrai direitos constitucionais de trabalhadores e trabalhadoras, rasgando a nossa CLT, tentando implementar a todo custo a institucionalização do trabalho escravo. De maneira muito rasteira, abre mão da soberania nacional, entregando o seu patrimônio ao capital internacional, com as privatizações, com a entrega das reservas da Amazônia, entre outros aspectos, poderíamos falar; manda ao congresso para ser aprovado, ainda esse mês, o orçamento para o ano de 2018 que retira 90% dos recursos destinados ao desenvolvimento social, aos programas que têm mantido esse país, que tem permitido que milhares, milhões – posso aqui dizer – de famílias brasileiras tenham direito a três refeições.

Consequentemente, esse é o momento em que a juventude não pode se calar. Esse é o momento em que a juventude não pode ser pautada, Yulo – nosso grande companheiro Yulo Oiticica –, pela grande mídia, não pode ser alienada por uma rede social, onde trabalhamos apenas chavões. A juventude tem que estar no debate, na discussão, no contexto e na afirmação das políticas que são interessantes a ela

Queria, para não me alongar, dizer da grande satisfação de poder estar participando dessa audiência no dia de hoje, trazer a juventude para esse debate, nesta Casa, não na condição de figurante, mas um debate da discussão do seu protagonismo, do papel e da importância, todos que aqui estão, principalmente os de maior idade, assim como eu, porque já passei dos 60.

Começamos um debate político exatamente na juventude, e as gerações das quais participamos conduziram o enfrentamento ao processo do golpe militar que atravessou por quase 25 anos, nobre companheiro Yulo, enfrentaram um processo de ditadura, de imposição, de quebra de direitos e de opressão. Agora, mais uma vez, a juventude é chamada, chamada para ir às ruas, chamada para fazer o enfrentamento, chamada para permitir o diálogo. Mesmo modelo de quando tinha 14 anos, no Colégio São Tomaz de Cantuária, quando fui presidir um grêmio do colégio e tive a oportunidade, deputada Maria del Carmen, de entender o contexto político da minha cidade, do estado, do Brasil e do mundo. Passei por uma militância política, atravessei inclusive na clandestinidade exatamente porque, naquele período, eram os garotos e garotas que faziam o debate, a discussão, o enfrentamento.

Vivenciamos durante a ditadura militar o enfrentamento para dar sustentação ao setor organizado dos sindicatos que foram fragilizados, violentados durante o processo da ditadura militar. Mas quem ia às ruas fazer a ocupação, os debates, as discussões eram os jovens, os estudantes. Foram eles que potencializaram a retomada da organização da classe trabalhadora. E juntos com a sociedade civil organizada, tivemos a capacidade de fazer o enfrentamento e implementar um Estado democrático neste País. Este Estado democrático que ora está sendo violentado, este Estado democrático que ora está sendo distanciado da sua realidade, dos seus fins. É preciso, mais uma vez, do protagonismo, da disposição, do compromisso, da luta e da participação da juventude, mas não na condição de figurantes, e sim na condição de protagonistas, de senhor da sua própria história.

Por isso, quero agradecer a presença de todos e todas e dizer da minha satisfação de poder, Paulete, estar aqui vivenciando nesta Casa mais um ato, mais uma sessão especial, na qual eu me vejo no rosto, no jeito e nos olhares de todos e todas aqui presentes. Como negro, como parte dessa sociedade excluída, quero chamar a atenção de todos e dizer que nós precisamos ser protagonistas, precisamos estar reeditando a nossa história. Não podemos permitir que os exploradores registrem e escrevam as nossas histórias, porque nessa condição continuaremos fora do contexto, sem expressividade, sem presença. Estamos inclusive discutindo e debatendo a nossa presença na própria história. A nossa presença na nossa história depende muito das nossas ações e das nossas construções.

Obrigado pela presença de todos, e uma boa sessão a todos e todas. (Palmas)
(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Parabéns pelo seu pronunciamento mais uma vez, deputado Bira Corôa, pela sua coragem e determinação nesta Casa, pela sua luta constante em tantos e tantos temas que tem trazido a esta Casa, especialmente no dia de hoje, nesta sessão especial. Mas são tantas as oportunidades que V. Ex.^a tem realizado nesta Casa, que eu queria retornar a condução dos trabalhos ao proponente desta sessão especial, o deputado Bira Corôa.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu é que agradeço a, sempre generosa, deputada Maria del Carmen. Mais uma vez, quero convidar para compor nossa Mesa a Sr.^a Uiara Lopes, Assessora Técnica da Secretaria de Políticas para as Mulheres. Ao mesmo tempo, quero pedir desculpas, Uiara, por não ter lhe convidado logo na composição inicial da Mesa. (Palmas.)

Neste momento, convido a todos para assistirmos à apresentação cultural, o espetáculo Bahia Negra, da Escola Municipal Professor João Fernandes da Cunha. (Palmas)

O Sr. Américo Akaiene:- Bom dia!

(Todos respondem bom dia.)

(Apresentação musical.) (Palmas, muitas palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nossos agradecimentos.

O Sr. Américo Akaiene:- Nossos alunos da Escola Parque São Cristóvão. (Palmas) Pessoal, eu sou Américo Akaiene, esses são os alunos que fazem parte do corpo do balé da Escola Parque São Cristóvão, uma escola municipal, a gente vem lutando nessa questão do empoderamento, da resistência da entidade negra.

Eu sei que infelizmente a gente não tem... Toda vez que a gente faz um trabalho como esse, é interessante a gente estar informando as nossas necessidades. Eu sou arte-educador, eu que confecciono todos esses adereços, essas roupas. Não foi o município que doou essas roupas. Infelizmente, você sabe a dificuldade que é para adquirir esses materiais, porque é necessário fazer uma série de cotações. E aí, acabam chegando as apresentações, as amostras pedagógicas e a gente não tem recursos para apresentar. Agora mesmo estamos esperando regularizar a situação da escola, em nível financeiro, para comprarmos esse material. Dinheiro, graças a Deus, a escola tem, mas, infelizmente, ainda existe burocracia.

Então, eu com minha experiência, como arte-educador, já fiz vários espetáculos aqui em Salvador, o Sesc foi a minha casa, onde eu aprendi muita coisa, e eu estou passando aquilo que eu aprendi nessa vida artística, e tento passar para eles tudo que eu tenho, tudo o que eu aprendi com amor, com dedicação. Eu sei que as escolas municipais necessitam de mais arte-educadores voltados para o balé afro, infelizmente algumas comunidades impedem suas crianças de participarem da atividade, porque acham que é coisa de macumba, é coisa de candomblé.

Nós precisamos separar as coisas, o candomblé faz parte, sim, da cultura negra, da cultura afro-brasileira, mas nem tudo que a gente faz está direcionado a questão religiosa. A gente precisa fazer um trabalho, eu necessito, pelo amor de Deus, nosso Deputado, que conscientize os nossos governantes para que venham às nossas escolas, tragam projetos ou nos ouçam para a gente trazer projetos de capacitação familiar, para que falem para essas mães o que é ser candomblecista e o que é ser arte-educador, que desenvolve um trabalho na valorização da cultura afro-brasileira e africana. (Palmas)

Obrigado.

E outra coisa, eu não preciso ter uma formação acadêmica para mostrar o meu trabalho, porque nós somos *griôs*, nós somos aprendizes de *griô*. (Palmas) Eu estou lutando para finalizar a minha formação, para fazer o meu concurso ou pela prefeitura ou pelo estado, mas eu não vou sair da minha área artística, estou fazendo Educação Física e é isso que eu gosto, e é isso que eu quero sempre fazer, meu caro Deputado.

Muito obrigado, gente. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos. E esse Estado e esta Casa reconhecem o papel, a contribuição e a importância do programa Saberes e Fazeres, e no Estatuto da Igualdade Racial do Estado da Bahia está assegurado o direito de exercício para os mestres e *griôs*. Esse é um compromisso firmado e é política de Estado.

O Sr. Américo:- Muito obrigado. (Palmas)

(Apresentação musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Retomando, quero saudar e agradecer ao Colégio Polivalente, do bairro do Cabula, pela visita. (Palmas)

Convido para compor a nossa Mesa a Sr.^a Fabya Reis, secretária de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia. (Palmas)

Quero também fazer mais uma correção, convidar para compor a nossa Mesa a Sr.^a Iara Icó, chefe de gabinete do secretário do Meio Ambiente. Peço desculpas. A senhora vem representando o secretário Geraldo Reis.

Concedo a palavra, neste exato momento, para uma breve saudação, ao secretário de Justiça, Direitos Humanos e Ação Social, Carlos Martins. Ele tem um outro compromisso e não poderíamos ficar sem a sua fala, sem a sua participação. (Palmas)

O Sr. CARLOS MARTINS:- Bom dia a todos.

Queria, inicialmente, parabenizar o nosso deputado estadual Bira Corôa por propor esta sessão tão importante nos dias atuais. Queria saudá-lo por essa iniciativa e, ao mesmo tempo, cumprimentar a nossa querida companheira, deputada estadual Maria del Carmen, companheira lutadora que está junto conosco nessa luta toda, e saudar toda a Mesa na pessoa de três mulheres guerreiras, as outras se sintam contempladas, e os outros também. Então saúdo a minha querida companheira secretária Fabya, a capitã Taís e a Iara. Saudando a três queria saudar todos da Mesa para a gente ganhar tempo.

Queria parabenizar Bira e dizer o seguinte: esse ato aqui na Assembleia Legislativa se reverte de importância em dois momentos, se pudermos dizer assim. Primeiro, para todos nós adultos. Queria saudar ao meu companheiro amigo, deputado estadual Rosemberg Pinto, companheiro de longas datas no Polo Petroquímico.

Dizia que ela se reverte em dois momentos: primeiro, para todos nós adultos um evento desse tipo significa continuar a luta e a resistência pelo orgulho da negritude contra o escravagismo e a favor de cada vez mais o protagonismo negro na nossa sociedade.

Vivemos um momento em que pensávamos que algumas questões estavam superadas. E essas questões, hoje, ressurgem com toda força. Falo especificamente da intolerância religiosa. No nosso Estado, um Estado negro, com a maioria negra, hoje, os nossos terreiros, as ações da nossa cultura estão sendo cada vez mais reprimidas, cada vez mais estigmatizadas. A ponto de alguns nossos não poderem nem sair às ruas dos bairros e etc. E isso não é só aqui na Bahia, é também no Brasil como um todo. E isso é muito triste, porque estamos vendo, então, em pleno séc. XXI, a gente retornar coisas que considerávamos ultrapassadas.

Outro dia, estive numa escola, em Teixeira de Freitas, e num diálogo com a juventude – queria saudar os alunos do Colégio Polivalente – em determinado momento, estávamos dizendo que conseguimos grandes avanços na questão da negritude. E um deles é a questão das cotas nas universidades. E um professor se insurgiu contra isso. Cheguei, na minha defesa, e disse a eles o seguinte: a questão fundamental é que nenhum branco foi escravizado, nenhum país de origem branca sabe o que é a escravidão. Então, ser contra as cotas e se insurgir contra as cotas é muito fácil para quem nunca foi escravizado. Mas nós negros, nós descendentes do continente africano, sabemos o que significa isso. E, por isso, essa sociedade tem um compromisso muito grande da reparação.

E aí queria me dirigir aos alunos, aos jovens, às crianças, para dizer que essa atividade aqui também tem uma atividade pedagógica e didática. Nós somos inundados, todo dia, na televisão, nos jornais, agora nos *tablets* e etc, com jovens brancos, de olhos azuis, e querem impor para a gente que é bonito ser branco e que é feio ser negro. E eu quero que vocês, ao participarem desse evento aqui, percebam e digam sempre: eu tenho orgulho de ser negro, é bonito ser negro, é legal ser negro. Sabem por quê? Porque nós não somos diferentes de ninguém, não somos diferentes de nenhum branco. Por quê? Porque cada dia mais forçam a gente ter vergonha da nossa cor e, o pior, das nossas raízes. E nós não devemos ter medo das nossas raízes.

Nós sabemos que, hoje, uma questão fundamental e uma questão que aflige seriamente a nossa secretaria é a questão da violência na sociedade. E a violência na sociedade atinge justamente a quem? Aos jovens negros da periferia. Por isso que trabalhamos muito fortemente, na nossa secretaria, para oferecer oportunidades alternativas ao jovem da periferia. Por isso, temos o programa Neojiba que, hoje, oferecemos no Bairro da Paz, no Nordeste de Amaralina, em várias cidades, em 15 territórios, para oferecer a vocês jovens a oportunidade de brilharem através da arte, da música e da cultura, e mostrarem o seu protagonismo.

É por isso que trago, em nome do governador Rui Costa, o abraço a todos vocês. Parabenizar, mais uma vez, o deputado Bira Corôa. Infelizmente, deputado e todos, vou ter que me ausentar, porque vou à Feira de Santana em outro evento, mas estará aqui o nosso coordenador executivo que poderá me representar muito melhor do que eu, que foi deputado desta Casa e legítimo representante de todas as questões dos direitos humanos, que é o nosso ex-deputado Yulo Oiticica.

A todos então um bom trabalho e parabéns pela data. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos ao senhor.

Aproveito para passar a palavra, vou intercalando entre os convidados e as representações institucionais aqui presentes, concedo a palavra nesse exato momento a Sr.^a Ana Paula Rosário, do Instituto Odara.

A Sr.^a ANA PAULA ROSÁRIO:- Bom dia, meus amigos ali que fiz quando cheguei, eu sinto o peso da responsabilidade que é estar aqui hoje falando enquanto negra, jovem, feminista e periférica.

Meu nome é Ana Paula Rosário, tenho 22 anos, sou auxiliar de comunicação, ativista do Odara, Instituto da mulher negra, e também sou moradora do bairro de Mata Escura. Queria saudar a Mesa, agradecer o convite, dizer que estou muito honrada de mais uma vez estar aqui nesta Casa falando sobre a juventude negra.

É muito bom ouvir a fala dos deputados e das pessoas que já falaram, porque a gente precisa compreender que mesmo tendo jovens no movimento negro levantando a bandeira e levando aos nossos a informação política, a gente precisa compreender que os mecanismos e os programas que já existem precisam ser reforçados e ser respeitados na seriedade que se exige. A gente tem um grande índice de jovens negros assassinados no Brasil, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado.

Eu acho que todo mundo aqui já tem conhecimento disso, todo mundo aqui já tem conhecimento de que 54% das mulheres negras estão morrendo. E a gente tem uma grande notícia, que o maravilhoso Sargento Isidório escreve um projeto de lei para acabar com a SPM, que é a Secretaria de Promoção de Políticas para Mulheres. E aí a gente precisa entender qual é a seriedade dos nossos problemas, porque a gente tem uma grande, mas uma grande representatividade de homens machistas em nossas secretarias, em nossas representações e cadeiras do governo. Isso se dá em projetos como esse, projetos que tiram e retiram os nossos direitos enquanto, e mulheres negras.

A PEC 181 está aí e também coloca à margem os nossos direitos, e isso precisa ser levado a sério. O País precisa reconhecer que nós temos um grande número de homens misóginos, racistas e machistas que estão lutando para tirar os nossos direitos. Isso é inadmissível!

Isso chega de uma forma muito violenta dentro das comunidades como Mata Escura e o Subúrbio, como vimos, e acho que muitos aqui acompanharam pela internet, uma mulher negra sendo espancada por policiais militares no Subúrbio. Isso

precisa ser discutido, e as leis precisam ser efetivadas também quando a polícia é quem promove a violência!... Porque não temos como dialogar se o que falamos não está sendo escutado.

Todo mundo aqui tem conhecimento da violência policial contra os jovens negros. Todo mundo sabe. A ONU está dizendo, o mapa da violência está dizendo, nós, do movimento negro, estamos dizendo: os jovens estão morrendo dentro das comunidades. E, aí, eu pergunto o que vocês têm a fazer pela nossa juventude? O que vocês estão pensando em fazer pela nossa juventude?

Porque a violência e o genocídio já estão postos, e eu posso morrer, qualquer um jovem aqui presente pode morrer. Precisamos saber o que vocês estão dispostos a fazer, porque nós estamos fazendo a nossa parte enquanto mulher negra de militância e ativista, formada pelo movimento de mulheres negras.

Uma outra coisa que eu quero chamar a atenção é sobre a população carcerária brasileira. Nós temos o dobro de detentos. Nós somos a quarta maior população carcerária brasileira, e essa população carcerária brasileira é composta pela população negra. São os nossos que estão encarcerados, são os nossos que estão tendo acesso a um mecanismo que poderia ser uma política pública de ressocialização, mas é uma política pública de criminalização e marginalização da população negra. Isso está acontecendo é nós precisamos discutir.

No começo do ano foi como se ninguém tivesse conhecimento da crise carcerária, mas todos, todos, todos que estão ocupando uma cadeira no Estado têm conhecimento, sim, da situação carcerária. E eu pergunto: o que vocês têm a nos dizer sobre isso? O que que vocês têm a fazer sobre isso? Porque a nossa parte nós estamos fazendo enquanto movimento negro.

Nós estamos adentrando às escolas e levando para os alunos a discussão política racial, e ainda enfrentamos algumas escolas que não querem trazer o debate e que não acham importante que somos todos humanos, somos todos iguais. Nós não somos todos iguais. Nós sabemos quem são os jovens que moram na comunidade. A polícia sabe em quem bater, sabe quais são as mulheres que apanham dos maridos e que eles vão perguntar porque ela apanhou e se quer denunciar mesmo. Nós sabemos quem são essas mulheres.

Então, eu chamo a atenção aqui para o feminicídio. Nós acompanhamos, na Bahia, na última semana, um grande... quatro mulheres foram assassinadas por conta do feminicídio. Isso precisa ser tratado com a seriedade que se exige, senão nós continuaremos morrendo, continuaremos a vir aqui e dizer que estamos morrendo, e nós não temos resposta para isso.

E precisamos ter uma resposta do Estado. O Estado não pode continuar calado diante do genocídio da juventude negra. O Estado não pode continuar calado diante da marginalização, da criminalização da população negra. E isso é televisionado, todos nós temos conhecimento. Temos o *Se Liga Bocão*; *A Cara do Povo*, todos os programas que passam ao meio-dia são usados como mecanismo de marginalização da pessoa negra.

Então, é muito sério quando vemos pessoas presas, que tem direitos constitucionais e que não são cumpridos. Isso é muito triste, porque essa pessoa perde a oportunidade de ressocialização a partir do momento em que tem sua cara escancarada num programa policial. Isso precisa ser repensado, porque nós somos marginalizados também pela comunicação, pela mídia, e essa mídia é aberta.

Então, eu acho que a gente precisa comemorar, sim. Agora, temos a Marcha de Mulheres Negras, que está fazendo 2 anos. Em 2015, estávamos com 100 mil mulheres em Brasília para falar que o racismo e a violência não vão nos calar, que estamos juntas pelo bem viver das mulheres negras, e isso inclui o bem viver da população negra como um todo.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu vou só fazer uma colocação muito breve aqui, à Mesa. Eu vou solicitar uma brevidade, porque a Mesa ficou extensa, isso é importante, mas é importante que todos tenham acesso à fala. Aí, vou dar uma brevidade. Vou intercalando entre as representações da sociedade e as representações institucionais para facilitarmos e todos terem acesso.

Vou conceder a palavra, neste exato momento, a Luma Nascimento, do Circuito Rolezinho.

Desculpem, Luma está dando entrevista. Vou colocar a próxima.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra a Natália Gonçalves, presidente do Conselho Estadual da Juventude.

A Sr.^a NATÁLIA GONÇALVES:- Bom dia a todas e todos. Deem-me o desconto do nervosismo, por favor.

Queria cumprimentar a todos e todas, mas também queria quebrar o protocolo um bocadinho, deputado, para começar a minha fala cumprimentando aqueles e aquelas que são a juventude beneficiada pelas políticas públicas; aqueles e aquelas que demandam os serviços públicos para se manterem vivos; aqueles e aquelas que utilizam a saúde pública, a educação pública, o transporte público e que ocupam este espaço hoje, um espaço de responsabilização do poder público pelas condições em que a juventude vive.

Então, cumprimento a juventude que ocupa o Plenário da Assembleia, esse espaço de discussão e de reflexão coletiva.

Cumprimento o mandato do deputado Bira Corôa, por ceder este espaço aqui. E em nome do Conselho Estadual da Juventude, agradeço-lhe pelo convite.

No mês de agosto, nós viemos a esta Casa a convite da deputada Luiza Maia, para refletir, no Dia Mundial da Juventude, sobre as condições em que a juventude enfrenta o acesso à educação. Na ocasião, nós dizíamos, em nome do Conselho, que era necessário que o poder público se responsabilizasse pela assistência e permanência da juventude nos espaços educacionais, tanto na rede estadual de ensino quanto nas universidades.

Então, aproveito para cumprimentar as representações da Universidade do Estado da Bahia e da Universidade Federal da Bahia.

Deputado, este espaço é muito caro para nós, porque o Poder Legislativo tem uma responsabilidade imensa sobre as condições em que a população vive. Aqui se estabelecem normas de conduta e de vida, mas também se intervém sobre problemas fundamentais. Neste mês em que refletimos sobre a juventude negra e como ela atua no combate ao racismo não posso deixar de usar este espaço para tratar de duas questões que são fundamentais para nós.

Aproveito a presença da deputada Maria del Carmen para fazer esse apelo aqui.

Há duas questões que interferem diretamente na vida da juventude hoje: a primeira está relacionada à segurança pública. Jovens são aqueles que estão presentes em quase todas as situações de violência urbana e estão presentes também nos altos índices de violência doméstica. É preciso que reflitamos como o poder público enfrenta essa questão.

Quero falar da Lei de Drogas. Aproveitava o início da sessão... cheguei cedo e aproveitei a presença do secretário Carlos Martins para lhe fazer um apelo. O Conselho Estadual da Juventude quer fazer parte do Conselho de Políticas sobre Drogas. Queremos discutir essa questão que é tão importante para nós, discutindo com o poder público – e peço que todos os representantes do poder público façam coro a esse pedido.

Queremos discutir como essa lei tem autorizado o assassinato e a criminalização de jovens majoritariamente negros, moradores dos bairros da periferia das grandes cidades, e na zona rural dos municípios.

A Lei de Drogas deveria ser um instrumento de prevenção às violências. Essa lei, de 2006, é responsável pela criminalização e pela morte, quando deveria ser um instrumento de fazer as pessoas refletirem, não sobre a decisão individual de usar ou não. Mas como o racismo estrutural impera em nossa sociedade, criminaliza as populações marginalizadas e coloca na conta do povo uma conta que é o Estado que tem que assumir, é o Estado que tem que prevenir violências, é o Estado que tem que dar condições de informação sobre a redução de danos, é o Estado que tem que pensar, não em alternativas individuais, mas em soluções coletivas para problemas graves que afligem a nossa vida.

Aproveito este espaço para falar da segunda lei, que também é de 2006, e que diz respeito a nossa vida, que é Lei Maria da Penha. Neste momento, observamos o crescimento alarmante da violência contra toda a população, mas, sobretudo, contra aquela que mais precisa das políticas de segurança pública, que é a juventude negra. Mas são as mulheres negras e pobres da periferia que têm morrido com os altos índices de feminicídio, que têm morrido quando pedem socorro para o Estado, que não tem atendido seu pedido. Porque o mesmo Estado que ora mata, é o mesmo Estado que ora deixa morrer.

Precisamos refletir sobre como não deixar morrer aquelas que pedem socorro ao Estado, que chegam numa delegacia e dizem: o meu companheiro, meu ex-companheiro ameaçou tirar minha vida, e eu preciso de proteção da Segurança

Pública. Essa pessoa, depois que disse para o Estado que ela está em risco de morte, se ela morre quem a matou não matou sozinho, matou com a anuência daqueles e daquelas que têm o dever de proteger aquela vida.

Portanto, precisamos, em vez de fortalecermos propostas que incrementam o conservadorismo em nossa sociedade, avançar em mandatos progressistas que refletem sobre direitos fundamentais. O direito à vida da juventude e das mulheres negras é fundamental.

Faço um apelo aqui, deputada Maria del Carmen: que vá na linha de frente da resistência de homens e mulheres de pensamentos feministas que discordam da proposta do deputado Isidório de intervir no financiamento de políticas que enfrentam a desigualdade de gênero, e que, portanto, vão interferir na vida de mulheres, sim, mas também na vida da população LGBT, que sofre com uma sociedade homofóbica, machista, misógina e que nos invisibiliza o tempo inteiro.

Muito obrigada por este espaço. Cumprimento a todos e todas. Infelizmente, pelo tempo, não dá para cumprimentar individualmente.

Quero me valer da palavra aqui para dizer que, no mês em que enfrentamos o racismo e que refletimos sobre essas iniciativas em parceria, precisamos pensar sobre como unir forças para resistir numa conjuntura que não é ruim para todos, não, porque os ricos e ricas continuam enriquecendo.

Está tudo bem para quem está no topo da pirâmide. Está mal para quem está aqui embaixo, quem está embaixo da pirâmide, precisando das ações do poder público, porque isso é garantido em nossa Constituição, e não é favor o que pedimos. Essas pessoas precisam unir-se em torno de uma agenda única de defesa de direitos, de ataque ao conservadorismo.

Não podemos pagar por essa crise com o desemprego e a dificuldade de acesso à educação. As políticas emancipatórias não podem ser moeda de troca, no contexto em que os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

Muito obrigada pela atenção. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos.

Concedo a palavra neste momento a Luma Nascimento, do Circuito Rolezinho.

A Sr.^a LUMA NASCIMENTO:- Bom dia.

Gente, eu não sabia que era aqui. Eu estava tão preparada, mas depois que ouvi a primeira pessoa pensei: meu Deus, que vergonha. Eu sou uma pessoa muito tímida. Vamos lá.

Sou Luma Nascimento, como o deputado citou, faço parte do projeto Circuito Rolezinho. O que é o Circuito Rolezinho? É um projeto que eu e uma amiga inventamos após sermos tão barradas nas portas dos eventos, após irmos a tantos lugares e sermos barradas.

Colocamos esse nome pensando na ação que aconteceu em São Paulo com um grupo de jovens e adolescentes negros que foram ao *shopping* e foram parados pela

polícia. Um monte de gente foi preso ao mesmo tempo, porque ninguém entendia o que era o movimento de tantas pessoas pretas num espaço só. Sendo que o *shopping* é um espaço público.

Então, pensando nesse movimento de ocupar espaços, fizemos esse projeto que trabalha, principalmente, com narrativas imaginárias.

Esperem aí, dois altos. Sou pedagoga também, e como pedagoga preciso respeitar as crianças que estão aqui. Então, vou chamá-los de coloridos, porque vocês estão com roupas laranja, verde e amarela. Quando eu falar colorido vocês já sabem que estou falando com vocês. Ouviram, coloridinhos.

Vocês sabem o que é narrativa imaginária? Narrativas? Histórias? Imaginação? Vou falar disso agora. Eu vou pedir para colocarem o trecho de uma música que eu trouxe, rapidinho, uns três segundos. Agora, a gente vai precisar ouvir essa música e pensar o que ela lembra. Todo mundo, além das crianças, todo mundo vai ouvir a música.

(Execução musical.)

Alguém lembrou de alguma coisa? Ninguém lembrou de nada, sem os adultos?

(A plateia cita o forró.)

Tá, lembrou o forró. Mas, assim, Olimpíadas, atleta, ninguém lembrou de ninguém? (Pausa) Diane dos Santos, minha gente! Quem lembra de Daiane dos Santos, atleta?

Enfim, o que eu queria trazer com essa música? Quando a gente ouve algumas coisas, automaticamente a gente lembra de alguma coisa. Quando tinha um grupo de adolescentes sentados ali, olhando para essa parede, eu também, quando cheguei, fiquei olhando para essa parede, eu nunca tinha vindo nesta sala, e fiquei um pouco assustada, porque é uma mistura de muita coisa e ainda não deu tempo de processar o que é essa arte. A gente começa a pensar em várias coisas. Quando a gente ouve essa música e a gente lembra de Daiane dos Santos, mas a gente lembra de Daiane dos Santos viva, isso é uma narrativa imaginária. A gente poderia lembrar de um corpo morto, como várias outras pessoas citaram aqui, como nós, jovens negros, somos exterminados fisicamente dentro das favelas, das comunidades, enfim, por vários agentes do racismo, e como também estamos vivos e não falamos sobre isso.

Quando falo sobre narrativas imaginárias, eu quero falar dessa juventude viva. É preciso falar sobre essa juventude viva para além das estatísticas. Quando a gente criou o Circuito Rolezinho, a gente queria sucumbir as estatísticas da morte, a gente queria contrair a estatística da morte com novas narrativas, pensando em falar dessa juventude viva com outras narrativas imaginárias.

Alguém aqui falou que, às vezes, a gente assiste à televisão e se percebe, na televisão, em uma condição inferior. Não é problema nenhum ser empregada doméstica, não é problema nenhum ser porteiro. O problema é ser só isso, o problema é ser direcionado para uma coisa só, porque as pessoas acreditam que todo mundo é isso. Não tem problema. Eu tenho uma tia que é empregada doméstica, mas se eu saio também, eu posso ser pedagoga. Sabe essa coisa do tipo “não tem problema a profissão”? O problema é a gente só aparecer de determinada forma.

No 20 de Novembro de alguns anos atrás, a gente ficou muito assustada com uma cena que apareceu na televisão, em que Taís Araújo estava ajoelhada, apanhando de uma pessoa branca. Este ano aconteceram dois fatos que me deixaram muito marcada. A gente teve a Marcha do Empoderamento Crespo, no entanto a gente teve também circulando algumas imagens um pouco equivocadas, que desvalidaram todo o movimento feito na Marcha do Empoderamento Crespo. Para quem não conhece o movimento do Empoderamento Crespo, ele nasceu em São Paulo e se filiou aqui em Salvador, encabeçado por algumas meninas jovens. O empoderamento alcança a discussão onde muita gente não vai: na Suburbana, na Cidade Baixa, nas periferias. Muita gente não vai lá, muita gente só está com tempo, às vezes, de estar aqui, ó, neste brilho. Não estou falando de todo mundo da Mesa, estou falando que algumas lutas não chegam aonde precisam chegar, aonde as pessoas precisam ser descolonizadas.

Então, essas narrativas imaginárias que eu cito aqui são um processo de descolonização. O que eu queria dizer, especificamente – antes de soltar um vídeo que eu vou soltar por último, só tem um minutinho, eu sei que daqui a pouco isso vai bipar –, é sobre a possibilidade de a gente se recuperar.

Tem uma escritora feminista, ela também foi uma das Panteras Negras, chamada bell hooks, que fala que a gente, nós, pessoas negras, fomos feridas até o coração, onde a gente deveria receber amor e se curar.

A gente percebe, hoje, a nossa relação familiar dentro de casa, como ela é de tão pouco tempo... Às vezes, a gente nem fala “eu te amo” para minha mãe, para meu pai, para meu avô, às vezes, não tem nenhuma relação de respeito com as pessoas mais velhas. Isso é porque durante o tempo de pós-escravidão a gente foi se desfragmentando e perdendo tempo, porque a gente precisa trabalhar, a gente precisa estudar, a gente precisa pegar o ônibus, a gente precisa entender esse movimento agora, que é das novas frotas de ônibus de integração, em que nenhum ônibus passa mais em lugar nenhum! É tipo o... (risos) Nenhum ônibus mais passa, nem o de integração nem nada, e a gente acaba ficando com o tempo cada vez mais reduzido e se amando menos, se conhecendo menos, se pertencendo menos, e só resistindo.

A gente passa anos e mais anos falando que o movimento é resistir. Qual é o ano em que no Brasil, nós, pessoas negras, vamos começar a existir? A gente precisa começar a falar sobre isso, sobre a existência negra. A gente precisa chegar num ponto em que eu chegue aqui e ninguém precise falar “uma jovem negra”, mas apenas “uma jovem”. E ter uma Mesa assim, como está, sem precisar demarcar. A gente precisa realmente deixar o campo da resistência e ir para o campo de existência, porque muitos antepassados resistiram até os dias de hoje para que estivéssemos aqui. Porque se a gente parar para pensar que fomos deslocados para um território que não era nosso, e se hoje, em 2017, existem tantos corpos negros – retintos, mais claros e todas as cores misturadas –, é porque houve muita resistência para que hoje a gente tenha existência.

Então, o processo de se autoconhecer e se curar é um processo de avançar a discussão, de pertencer a outros campos. Não vou me alongar muito, mas vou deixar esse último vídeo, do quadro Circuito Rolezinho, que se chama *Lugar de Fala*.

(Rufam os tambores.)

A proposta é que pessoas que estão no movimento de referência falem como é que elas chegaram a esses lugares, deem referências, deem possibilidades e narrativas para que as pessoas possam chegar.

Essa pessoa que vai ser exibida é a Xênia França. Ela é baiana, é cantora. A gente ainda nem lançou o canal. Vai ser aqui uma surpresa, ninguém viu ainda.

Pode exibir, por favor.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr^a LUMA NASCIMENTO:- Essa música é maravilhosa, temos que bater palmas, mesmo a cantora não estando aqui. Essa música, *Breu*, “*outra mulher, outro fim, mesma dor*”, é em homenagem a Cláudia, aquela mulher do Rio de Janeiro que foi arrastada por um carro da PM por toda a cidade. E a bell hooks fala uma coisa muito bonita: que nossa recuperação está na arte e no ato de amar.

A nossa recuperação, enquanto pessoas negras, que somos tão coletivas, tão compartilhadas, que sempre estamos cuidando do filho da vizinha que precisa trabalhar, “ah! a vizinha não tem isso, eu vou dar”, “ah! eu vi uma criança na rua, eu vou conversar com essa criança”... Enfim, somos seres tão coletivos dentro desse movimento nosso, que é ancestral, que a nossa cura social, independentemente da cura do governo, que pode nos dar, está na arte e na possibilidade de amar, de nós nos coletivarmos como micropolíticas, com coisas que podemos fazer de maneira autônoma, pertencente do nosso próprio discurso.

Acho que é só isso que tenho para falar hoje. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Vou conceder a palavra à representante da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Uiara Lopes, que tem outro evento e está com o horário já estourado. Em seguida, vou pedir a Alexandre que me ajude aí, registrando as presenças.

A Sr.^a UIARA LOPES:- Bom dia a todas! Que bom que eu ouvi alguns homens responderem, significa que se sentiram contemplados pela maioria de nós. Isso é uma das provocações que aprendi a fazer no movimento feminista, quebrando a lógica, inclusive da construção da Língua Portuguesa: quando nós falarmos com a maioria, nos reportarmos à maioria. Foi o que acabei de fazer.

Então, eu gostaria também de saudar a Mesa na pessoa da deputada estadual, de Natália Gonçalves, minha camarada, amiga e militante, saudar a Mesa nas pessoas dela, e quebrar um pouquinho a lógica do protocolo e saudar essa juventude linda que está aqui, resistente, porque a gente sabe que essa cultura do discurso ainda não alcança vocês, o mundo lúdico é muito mais apaixonante e interessante, mas é também muito bonito ver vocês aqui, conhecendo, estando em um lugar que é de vocês por direito. Espero futuramente encontrar vocês aqui enquanto representantes da Casa Legislativa, mais adiante. (Palmas)

É nessa crença da juventude das mulheres jovens que eu acredito. Saúdo Natália Gonçalves e várias outras mulheres que estão aqui, do Instituto Odara, a nossa querida representante da Polícia Militar, que é uma figura que já tive a oportunidade de ouvir outras vezes, e fiquei impactada com a compreensão dela em relação à luta de gênero. Representando a Secretaria de Políticas para as Mulheres e vendo também a representação das mulheres das religiões de matriz africana, quero fazer uma saudação, tomar a bênção e dizer que a Secretaria de Políticas para as Mulheres compreende a luta da juventude, da mulher jovem e negra, como uma luta que deve ser da sociedade de forma integral. Falando dos 16, que aqui na Bahia são 21 dias de ativismo, é muito importante que a gente fale e que a gente lembre que essa política precisa ser... Precisamos ganhar todos os espaços de governo, todos os espaços institucionais, e o governo, nas suas ações, precisa também entender que, ao falar de todas as políticas, precisa falar das políticas para as mulheres, precisa falar porque somos a maioria, e quando você não fala para a maioria, tenho dúvida sobre para quem você fala.

Essa é uma observação que a gente precisa fazer sempre, e dizer sempre que nós só nos sentimos representadas... A Secretaria de Políticas para as Mulheres faz isto e tem feito disto a sua bandeira de luta, que é o direito à representação, o direito à voz, e nós, mulheres, precisamos estar nos espaços e fazermos exatamente isso, essencialmente as mulheres negras, porque esse espaço a nós sempre foi negado.

A militância do movimento de mulheres negras feministas é que tem nos ajudado e contribuído muito para que a gente possa falar e falar das nossas agruras e também das nossas vitórias. A Secretaria de Políticas para as Mulheres está aqui, congratulando, em especial, o deputado Bira Corôa, agradecendo pelo convite e dizendo que é importante que a gente consiga pensar em especial essas duas secretarias, a de Políticas para as Mulheres e a de Promoção da Igualdade Racial, como espaços para os quais que vocês precisam fazer emendas ao Orçamento, porque essas secretarias são as menores do governo do Estado e são as secretarias que menos têm dinheiro. Então, precisamos pensar nisso, é importante falar sobre isso, é importante a gente fazer essa provocação, porque a gente só funciona tendo condições de estar onde todo mundo pode estar, onde todo mundo deve estar, onde o Estado deve estar. São 417 municípios, e 417 municípios com problemas profundos com a questão de gênero e com a questão de raça. Então, para levar política pública a esses lugares, precisamos do principal, de emendas parlamentares, de verba para implementar as políticas públicas.

Deixo para vocês – preciso falar rapidinho, porque tenho outra atividade, vou hoje lá em Santo Amaro, vou amanhã também para lá, justamente fazer isto – esse chamamento às mulheres, aos entes públicos, para que prestem atenção, porque o índice de violência doméstica, em especial contra mulheres negras e jovens, está aumentando. Acabamos de receber este “presente”, porque Isidório não tinha outra coisa para fazer. Ele precisou fazer um projeto de lei e nesse projeto de lei precisou se preocupar com a verba de que secretaria? Secretaria de Políticas para as Mulheres. E no projeto de lei dele, pelo que pude ler, de forma muito *en passant*, ele diz que as secretarias estadual e municipais não têm serventia, não precisam existir.

Então, precisamos repensar qual é o parlamentar que a gente quer para a gente, esse talvez seja mais um modelo no processo de fortalecimento do fundamentalismo no nosso País e no nosso Estado que não nos representa. Então a gente precisa pensar de que lugar a gente fala, como é que a gente quer estar nos espaços de poder e quem a gente quer para nos representar.

Então um forte abraço a todas e obrigada. (Palmas)
(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos.

Vou pedir a Alexandre para registrar as presenças, por favor.

O Sr. Alexandre:- Bom dia a todos.

Registro a presença da Sr.^a Fátima Freire, coordenadora e professora do Centro da Mulher Baiana; Sr.^a Ane Graciele, professora do Colégio Estadual Luiz José de Oliveira; Sr.^a Régia Ribeiro, professora do Colégio Estadual Ruth Pacheco; professor Gregório Bonfim dos Santos, do Niger Okan; Sr.^a Uiara Lopes, assessora técnica da Secretaria de Políticas para as Mulheres, que acabou de fazer sua fala; Sr. Breno Fagundes, psicólogo da ONG Cipó; Sr.^a Alda Muniz Pepe, da União Nacional dos Conselhos de Educação; Sr.^a Maria Celeste, assessora da Associação de Mulheres do Engenho Velho da Federação; Sr.^a Paulete Furacão, ativista LGBT; Sr.^a Rosane Rodrigues Sanches, professora do Colégio Estadual Nelson Mandela, que nos trouxe hoje o 1º ano C, que está aqui abrilhantando a nossa festa. Sr.^a Tina, representando o gabinete da deputada Dra. Fabíola Mansur; Sr.^a Aurora Regina Silveira, funcionária do Colégio Estadual Nelson Mandela; Sr. Uiler Oliveira, babalorixá de religião de matriz africana; Sr. Roberto Rodrigues, representante do Instituto Anísio Teixeira - IAT, coordenador da Diretoria de Ensino à Distância; Sr. Américo Aquinene, professor da Escola Municipal do Parque São Cristóvão; registrar também aqui a presença do mandato da companheira Luiza Maia.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao Sr. Rodrigo da Cruz Barbosa, do Núcleo de Prisão em Flagrante.

O Sr. RODRIGO DA CRUZ BARBOSA:- Bom dia. Meu nome é Rodrigo, não vou falar no português certo e correto que nem o deles, porque eu não sei muito, sabe? Então eu vou falar do meu jeito, no “favelês”. Vou falar no linguajar da favela. Desculpe (palmas). Eu sou do bairro do Jardim Santo Inácio, do lado da localidade de Mata Escura. Estou aqui representando o Corra para o Abraço, da Central de Flagrantes, porque eles me encaminharam para a redução de danos. Estou nervoso, estou tremendo, porque é a primeira vez que falo com gente importante, desculpem. (Palmas)

Gostaria de comentar um pouco sobre a política pública, que o representante do secretário... Estou tremendo porque estou nervoso, sabe?

(Alguém fala fora dos microfones.)

Não, aí vai ficar mais difícil ainda, porque não consigo falar em público.

Gostaria de fazer uma pergunta fugindo do assunto, rapidinho: secretário, por que vocês querem cortar o Programa Corra para o Abraço se está ajudando muita gente que nem eu? Então vou direto ao ponto, não fíco de mimimi, tá ligado? (Palmas)

(O público se manifesta.)

Peraê, peraê, peraê. A política pública do secretário de Segurança Pública é: acabar com o crime, não é isso? Como é que vai entrar na favela, acabando com o crime, atirando em gente inocente, batendo e agredindo? Vai acabar com o crime assim ou vai criar uma guerra civil? Estou olhando nos olhos do senhor. E isso é uma guerra civil que vocês estão fazendo, desculpe, Comandante-Geral da Polícia. Isso é uma guerra civil no meu pensar.

Um jovem com 18 anos, que nem eu, que não teve a oportunidade de estudar, porque na escola não tinha merenda, faltavam 6 meses de merenda, um mês de biscoito com suco – e não era suco de fruta, de polpa e nem Maratá, não, viu? Era daquele de água com açúcar, colorido que só tinha cor –, se revolta e vai para o crime.

Aí, Fala aqui, chega aqui, deputados – desculpa, não todos, não agravando –, gente importante: “Que isso, que nós tem que consertar isso, que aquilo”. Nada disso: para consertar o País tem que vir da favela, porque nós que é obreiras operárias. (Palmas) Sabem por que nós é obreiras operárias? Para ir, greve de ônibus em Salvador, o País vai trabalhar, todo mundo vai trabalhar, funcionário do Plenário vem se não tiver carro?

Então? Ó os jovens aqui, ó. Do tamanho de um menino desse, de camisa amarela, eu já estava na vida do crime. Por quê? Eu tive oportunidade que nem o senhor? Tive oportunidade de chegar à escola particular? Minha mãe chegar, me levar, pagar todo mês, merenda, livro? Não, Sr. Coordenador. Eu dividia um livro de matemática com mais cinco colega. Um farda, que antigamente dava duas, agora é uma. E se você for aluno do colégio no próximo ano, você não ganha mais farda, não. Não ganha mais não.

Vou falar – desculpem, eu fugi do assunto –, vou voltar pro assunto que a minha coordenadora técnica mandou eu falar (risos e palmas). Me mandaram eu vir falar de como eu entrei no Corra para o Abraço. Eu tive duas oportunidades de ir pro Corra para o Abraço, na Central de Flagrantes. Tenho três passagens pela polícia: na primeira fui pro CAM; na segunda fui para a Central de Flagrantes. É porque a coordenadora não está aqui, que é Alice. Ela foi e me perguntou: “Você quer fazer parte do Corra para o Abraço?” Eu falei: “Não, eu não conheço o projeto!” Achei que era daquele projeto que te ajuda a sair dali e te deixa na merda depois. Porque tem muito projeto que é assim, desculpa.

Ai, na segunda passagem, que eu já vi que eu ia ser sentenciado para o presídio... se o senhor quiser pode puxar a (ininteligível) aí com meu nome todo que o senhor vai ver: eu sou sentenciado a 4 anos de prisão se eu for preso da próxima vez. Aí eu cheguei no Corra para o Abraço e não conhecia ninguém. Ninguém. Era todo mundo estranho, conheci a família.

Hoje eu sou um redutor de danos, faço curso de redução de danos. Estou me formando para ser redutor de danos e quero falar para o senhor: não deixe esse projeto acabar, porque jovens que nem eu ou então que pode crescer assim, um filho meu, um sobrinho, vai voltar pro mesmo caminho que o meu. Não é isso? Estou mentindo?

Bora falar de estatísticas. Dentro do presídio, como ela falou, 80% dos carcerários são negros. Agora me diga: por que vossos colegas dos senhores, que roubaram milhões, não foi um milhão, dois milhões, não. Foi 500 milhões, 700 milhões, foi milhões. Por isso que o Brasil está nessa merda, desculpa o palavreado.

Aí, chega eu... sou 6ª série, não tenho vergonha de falar não: sou 6ª série mesmo, porque eu larguei a escola pra fumar maconha. Eu, 6ª série, chego e vou preso. Estou lá na cela com 14 detentos. Ou então, quando lota numa cela são 30, dois em cada comarca, e fora no chão, que dorme todo mundo junto. Aí o senhor me diz: um colega do senhor que tem faculdade, tem tudo certinho, tudo filhinho de papai e mamãe, aí chega lá e vai preso, roubou milhões, a cela dele é sozinho. Sozinho. (Palmas)

Eu que roubei um celular tenho que dormir no chão, limpar privada pra outro ladrão. Eles não: têm televisão, têm geladeira, o almoço é bom. Eu, não. No caso, quando vai preso a quentinha é uma porcaria que se você comer você caga sangue, que eu não vou mentir pra você, caga sangue mesmo, fica com infecção intestinal. Eles não: é caviar, é frango assado, é isso, é acolá. Por que nós não tem o mesmo tratamento que eles? Só porque nós não tem o nível superior? É isso?

Então, bora: vou fazer uma propaganda no *Facebook*, um *hashtag*, no *Facebook*, no *Twitter* e no *Instagram*: ladrão tem que estudar pra ser tratado que nem deputado preso. Eh! Ladrão tem que estudar! (Palmas, muitas palmas)

Se eu dizer para os senhores que eu conheço um ladrão que é químico? Vocês acredita? Químico, tem faculdade. Um abraço, tem faculdade. Mas ele tem 11 passagens. Pior que eu. Pior não, que eu tenho dez, tá ligado? Mas as outras já excluiu. Imagine!

Agora você me diz aí: um menino tem oportunidade, Sr. Deputado? Eu estou tendo oportunidade de estar aqui com os senhores por causa disso aqui, ó (mostra a camisa que está vestido). Porque se eu não estivesse com a camisa do Corra para o Abraço nem aqui eu tava. Você não sabia nem que eu existia, véi. Tô mentindo? Ia saber que eu existia? Que Rodrigo, a minha voz existia? Eu ia ser mais uma merda lá no sinal, lá, vendendo queimado, vendendo picolé. Mas não, viu? Tem que olhar pra nós que somos jovens, nós somos o futuro desse País, como vocês fala. Vamos dar oportunidade de um jovem daquele ali estudar, que é 1º ano. Pô, ó paí, dá até orgulho, véi, saber que um jovem daquele ali é 1º ano. (Palmas) Sabe por que dá orgulho? Porque são os jovens que são da favela que não escolheram ficar ali na boca, no tráfico de drogas, vendendo, fumando, roubando e matando.

Então, se tivesse mais oportunidades de jovens desses aqui não serem que nem eu, seria muito bacana. Mas, não é assim, acabar com o tráfico de drogas, chegando

na favela matando, atirando, não, passando viatura por cima. Sabem como é que tem que acabar? Sentando e dialogando. (Palmas)

Ah, espera aí, deixa eu falar, porque eu tenho muita coisa para falar. Desculpa vocês que têm que falar, mas é muita coisa, porque o pobre é indignado, véi. Quando o pobre tem oportunidade para falar, o pobre não quer brocar não, maloca? Não quer não? Pode dar ideia, maloca. Não tem que brocar, não? Claro que pobre tem que brocar, porque nós chega, vai para a escola, chega lá e quando cai um toró a sala é como? Cheia de água, não é, não? O corredor do colégio de vez em quando? O corredor do colégio é cheio de água. Eu te garanto que alguns de vocês aqui nunca estudaram num colégio que, quando chove, chove mais dentro do que fora do colégio. Banheiro sem porta? Venha cá, qual de vocês aqui já estudou em escola particular? Todos, não é isso? A senhora não, porque a senhora é da favela. (Risos) Não é, não? Oi? Pode falar alto.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Eu só estudei em escola pública.

O Sr. RODRIGO DA CRUZ BARBOSA:- Pronto, aí ó. O senhor estudou em escola pública, o senhor sabe qual o drama. Diga aí, um banheiro sem porta? Um banheiro fedendo a derrela, a fezes. É, depois fala que a culpa é do aluno. A culpa é do aluno, é? A culpa não é do aluno, não. A culpa é dos funcionários e do diretor. Aliás nem do funcionário nem do diretor, a culpa é de vocês que não solta a verba direito. Ah, porque faltou a verba, o quê? Um pouquinho pra se virar? Assim não dá, não. Tem que soltar a maloca, porque a maloca é que é o futuro desse País, rapá, não é vocês, não. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Obrigado, Rodrigo.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra nesse momento à capitã Taís Trindade.

A Sr.^a TAÍS TRINDADE:- Bom dia a todas as pessoas presentes neste espaço. Poxa, todo mundo respondeu ao bom dia dos outros oradores e ao meu não. (Risos)

(Todos respondem “bom dia”.)

A Sr.^a THAÍS ANDRADE:- Massa!

Eu não poderia vir para cá e não me apresentar.

Como foi dito, sou a capitã Thaís Trindade. Mas, amanhã, eu posso deixar de ser e posso ser qualquer outra coisa. Mas o que eu nunca vou deixar de ser é mulher, negra, religiosa de matriz africana (palmas), filha e mãe de meu pai Xangô, *kao kabelice*.

Gostaria de saudar todos os presentes na pessoa de Rodrigo (palmas) e, ao mesmo tempo, gostaria de pedir a bênção *yàgo* aos mais velhos, aos mais novos, aos pais, irmãos, irmãs, mães aqui presentes.

Deputado, se eu fosse o senhor, encerraria esta sessão em Rodrigo, porque tudo o que precisava ser dito sobre o jovem negro na nossa sociedade que criminaliza a

pobreza, que criminaliza pessoas que têm a nossa imagem, Rodrigo falou. E Rodrigo não falou de ouvir dizer, Rodrigo viveu. Rodrigo não é exceção, infelizmente.

Gostaria, hoje, de poder ouvir de Rodrigo uma infância diferente; sentar ali, ouvir sobre uma infância diferente.

(O Sr. Rodrigo se manifesta fora do microfone.)

A Sr.^a THAÍS ANDRADE:- Não, você não entendeu, repito, você não entendeu. Não sei se todo mundo está entendendo o que estou falando. Gostaria de ouvir uma infância diferente com oportunidades, com merenda. Eu sei que não teve como, mas eu gostaria de que tivesse tido para que a gente não pudesse falar sobre isso, mas falar sobre outras coisas.

Por exemplo, hoje, já falamos do projeto de lei do meu colega de farda sobre a extinção da secretaria de políticas públicas. Quando cheguei aqui, estava falando com a minha amiga Paulete, pois estamos vivendo tempos difíceis por conta de um projeto como esse, por conta de termos que discutir sobre a possibilidade de uma mulher viver, por termos que discutir sobre a possibilidade do negro e negra viverem. Temos que discutir sobre a possibilidade ou a impossibilidade de alguém abortar.

A gente para discutir sobre isso no século XXI. A gente para discutir, no século XXI, com quem “x”, “y”, “z” deve namorar, se casar, se relacionar, adotar. A gente para discutir isso. A gente para discutir questões que, no século XXI, já deveriam estar tácitas, expressas. São questões que não devem ser discutidas, mas devem ser aceitas, respeitadas. No entanto, a gente para ouvir isso.

A gente tem que parar para ouvir a história de Rodrigo sendo escrita daquela maneira. Eu não quero mais ouvir isso. Eu não quero ouvir e ver histórias de pessoas como eu, como nós, com essa trajetória! Que bom que existe o Programa Corra pro Abraço (palmas) que reescreveu a história de Rodrigo.

Então, deputado, o nosso compromisso, aqui, não é mais falar, discutir, denunciar. As denúncias estão postas. Estou cansada de ver, nos *chagrins* dos meus irmãos, sangue. Estou cansada de ver, nas sandálias dos meus irmãos ou nos pés descalços, sangue. Estou cansada de ver, nos coturnos, sangue. Porque, nesta briga de sangue entre polícia, ladrão, bandido, pessoas, juventudes criminalizadas, quem morre são pessoas como nós. Isso, todo mundo já sabe. Não dá mais para perder tempo e denunciar isso, porque já está posto.

O que a gente vai fazer? O que eu, como policial militar, representante do Comando-Geral, aqui neste ato, coordenadora do Núcleo de Matrizes Africanas da Polícia Militar, vou fazer? O que nós vamos fazer?

Esta é uma briga que tem que ser encarada por todos nós e todas nós, porque são os nossos quem está morrendo. São os nossos vizinhos, são os nossos irmãos, são os nossos colegas de trabalho que estão morrendo. O que a gente vai fazer?

E é uma resposta para minha amiga. A gente precisa discutir o assunto de maneira ampla. Para a capitã Thaís, não dá para discutir apenas com policiais. Para os nossos irmãos do movimento, não dá para discutir esse assunto só com o movimento. Nós precisamos discutir em conjunto, porque estamos morrendo em conjunto.

Então, deputado, esta é a proposta. Precisamos nos reunir e colocar Rodrigo, também, nesta sala de discussão, porque Rodrigo viveu isso. E Rodrigo tem uma experiência diversa, ou melhor, ele tem um resultado diverso por conta do Corra pro Abraço.

E, Rodrigo, você é importante, você é especial. Para uma pessoa segurar no microfone, que é ato de poder, não precisa ter escolaridade. A pessoa mais importante da minha vida, que me deu ou me dá ensinamentos, é uma pessoa que não tem a escolaridade que a gente espera de um doutor, mas ela é minha doutora, ela é minha mãe de santo.

Então, gente, vamos abrir o coração, juntar as mãos e fazer com que aquela pomba ali (aponta para o painel), debaixo do Salmo 91, muito embora aqui seja um país laico, reflita a paz do nosso Pai Oxalá, do meu Pai Oxalá, porque é isso que a gente precisa, paz, muita paz.

Muito obrigada a todos e todas. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra a Sr.^a Maria Carolina, do Corra pro Abraço.

A Sr.^a MARIA CAROLINA:- Eu me chamo Maria Carolina. Tenho 23 anos. Eu conheci o Corra pro Abraço através de uma amiga. Eu sou desempregada. Tenho dois filhos. E é muita dificuldade ir ao Corra pro Abraço também, porque não tem quem fique com meus filhos.

E outra, eu vou fazer um mês no Corra pro Abraço, mas ele está me ajudando bastante. Entenderam? E se tirarem este programa, nós, jovens, de Fazenda Coutos, Lauro de Freitas, Itinga, Plataforma, Beiru, Nordeste, vamos ficar em falta. Por quê? Porque nós somos jovens e, também, queremos uma oportunidade.

Do mesmo jeito que um prefeito ou um deputado teve oportunidade, nós também queremos, entendeu? Temos que ter vagas, porque não tem. Vários jovens querem esta oportunidade e esta não existe. Temos que ter mais recursos, porque o Corra pro Abraço está mudando muitos jovens, muitos mesmo. Eu tiro por mim, entendeu?

Nunca me vi nessa vida de crime, não. Tenho dois filhos. Passo dificuldades. Não tenho vergonha. Corro e luto pelo que é meu, pelo que é dos meus filhos. E quero que eles, também, aprendam o que eu estou aprendendo, porque se cortar agora no meu momento, o que é que eles vão aprender daqui para frente? Não vai ter mais.

Então eu quero que dê mais oportunidade nos bairros e que tenha mais comunicação com nós, jovens, que também queremos uma palavra de conforto. Não é só dizer que os jovens são bagunceiros ou os jovens são isso e aquilo, porque não somos só isso. A gente, também, sabe sentar e sabe ouvir, entendeu?

Então ajudem mais! Queiram mais! Vagas de emprego, a gente não acha. Entendeu? O Corra pro Abraço está sendo tudo para nós que estamos desempregados, que temos filhos para cuidar, que temos marido desempregado. Tipo, se você colocar

o bairro Fazenda Coutos no currículo, em algum lugar ninguém vai querer te contratar, porque somos discriminados. Temos, sim, envolvidos; mas, também, temos pessoas de bem.

Então vejam a nossa vida! Vejam a vida que vocês levam! É melhor vocês terem mais um pouco de amor pelos jovens, porque vocês, também, têm filhos. Vocês têm condições de criar os filhos de vocês e ver que eles vão ser alguma coisa na vida. Mas nós não temos essa concepção. A gente quer dar o melhor mas não temos.

Só quero que vocês vejam isso! Tenham mais amor ao Corra pro Abraço, porque até quem trabalha, trabalha com amor mesmo.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Já que estamos falando no Programa Corra por Abraço, é importante a gente intermediar os momentos mais duros com o lúdico. Vou solicitar que possamos ter aqui um espetáculo do *Negro em Movimento*, rapidinho. Depois, a gente retoma os trabalhos.

(Procede-se à apresentação cultural.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós agradecemos a apresentação.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, eu convido o vereador Marcelino para ele fazer uma breve saudação.

O Sr. MARCELINO FILHO:- Bom dia.

Queria saudar o deputado Bira Corôa e todos os membros da Mesa. Vou tentar ser breve.

Deputado, eu estava ali pensando o que eu iria falar aqui, porque como todo mundo que falou antes de mim, já se falou tudo. Ontem, eu estava em um debate lá em Camaçari. E a grande raiva fica com uma pergunta: fazer o quê? A gente vem, há um tempo, desde as décadas de 1980-90, denunciando o racismo. Fizemos isso ao longo desses anos.

Depois, nós fomos à luta pelas reparações do nosso povo.

A grande construção da consciência negra se dava em se entender e se achar enquanto sujeitos negros e negras. Mas, hoje, o retrocesso toma conta do país.

E a gente, enquanto militante do Movimento Negro, parlamentar, em qualquer espaço físico que estivermos hoje, nos perguntaremos: essa luta que nós tivemos o tempo todo aqui hoje ficou em vão? Será que tudo o que foi dito aqui hoje sobre o extermínio da juventude negra, a violência contra a mulher negra, esse sistema colocado hoje em cima da gente... será que só vamos fazer esse debate em espaços como este?

Porque também tem uma outra coisa sendo colocada: a ideia de acabar com a política. Essa ideia de acabar com a política e botar todo mundo num curso só é para acabar esse debate com a gente. Engana-se quem acha que esse debate não passa pela política. Mais negros aqui neste espaço garante esse enfrentamento, essa luta. São mais negros garantindo, com mais vozes, a apresentação desse debate. A gente não

pode achar, e aqui se engana quem acha isso, que todo mundo na política é ladrão ou descarado. Desculpe-me aqui pelo termo da palavra.

Temos que parar com isso, temos que separar o joio do trigo nesse processo, porque isso que está sendo debatido agora é que faz esses processos colocados hoje no Brasil levarem ao extermínio de nossa juventude, à agressão dos nossos terreiros de candomblé. Isso passa por um processo pensado para desmontar a nossa luta. Por isso, eu queria aqui, deputado, dizer ao senhor que nós temos na Região Metropolitana vários parlamentares companheiros negros. Temos de sair do debate simples e ir para a luta de fato. Temos que convocar a juventude, a luta que essas meninas colocaram aqui hoje, o sentimento de Rodrigo, a vontade de todos os outros para sentar em torno de uma mesa, de fato. Mas não é só para sentar, é para debater com o Estado o que tem que ser feito.

Se a gente colocar isso... Porque hoje o que fazem com a gente é fazer a nossa militância se acuar, achar que não devemos ir para o enfrentamento, a ideia é essa na verdade, é desmontar a partir daí. Por isso, o que a gente quer é insistir aqui nesse debate do enfrentamento imediato.

Eu sou vereador de Camaçari, um dos 21 vereadores que tem lá em Camaçari, e quero dizer que a grande maioria lá é negra. Como vereador, só eu, só eu faço o debate racial naquela Casa. E sabem o que dizem lá: “Olha, esse debate aí é com Marcelino, porque essa coisa de candomblé, de preto, Marcelino resolve”. É assim que se coloca lá.

Então, se a gente não entender isso, vamos ficar o tempo todo aqui nos questionando, porque já se denunciou o racismo, a violência, há muito tempo a gente faz isso. A ideia que a gente tem que colocar aqui é: fortalecer a nossa luta a partir do sentimento de vocês, com o enfrentamento legal. É na política, é na política! É cobrando de mim, do Bira, mas ocupando esses espaços. E é dizer: “O ano que vem é eleição, vamos colocar novamente pessoas que pensam diferente da gente? Quem nos representa aqui?”

Eu queria dizer: numa sessão especial como essa, vejo aqui o deputado Rosemberg e a deputada Maria del Carmen, mas cadê os outros deputados que não estão aqui? Cadê? Não dá para a gente... Sabe? A gente precisa pensar a partir deste sentimento aqui hoje. Queria encerrar a minha fala, deputado Bira Corôa, dizer que o senhor é o orgulho da gente, que o senhor tem sido uma figura importante nessa luta, tenho prazer em vir aqui hoje. Eu tinha uma sessão especial hoje, larguei, vim aqui para ver o senhor, conversar e debater com o senhor, e prestigiar a sua sessão.

Acho que é importante isso, insisto nisso para Ana Paula, para Rodrigo, para todos os que falaram aqui. Tudo isso passa pela política, enfrentamento passa pelo fato de a gente ter mais poder. É por dentro do Estado que a gente resolve essa questão nossa, quanto mais gente colocar gente nossa nesse espaço, faremos maior enfrentamento a eles. Eles querem nos convencer de que a política não presta para eliminar a gente desse processo, porque a ideia de exterminar, de massacrar o nosso povo não é uma coisa pensada de ontem, não é uma coisa pensada de ontem. Então nós temos que enfrentar a partir desse sentimento aí.

Muito obrigado e boa tarde para todos. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos, Marcelino...
(Não foi revisto pelo orador.)

(...)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos, Marcelino.

Intercalando com a Mesa, convido para fazer uso da palavra o Sr. Eduardo Machado, representando a CIPÓ (Comunicação Interativa).

O Sr. EDUARDO MACHADO:- Bom dia a todos e a todas! Inicialmente eu queria pedir a bênção aos meus mais velhos e aos meus mais novos e dizer que estou muito contemplado aqui. Fiz um texto, uma reflexão, eu vou colocar essa reflexão, mas a fala de Rodrigo já me contempla muito, porque eu, enquanto jornalista e educador, vivencio diariamente esse processo de perda e geralmente a salvação de jovens negros no Subúrbio Ferroviário.

Queria também saudar essa garotada toda aqui, essa juventude do Nelson Mandela, uma escola com a qual a gente sempre articula lá no Subúrbio, a gente sempre faz atividades.

“É notório que, 129 anos após a abolição da escravidão, a população negra no Brasil ainda sofre com as consequências de um sistema que é regulado pela discriminação e desigualdades raciais que reservam aos jovens negros e negras um alto índice de exclusão educacional, marginalização, subemprego, violência e mortalidade.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, a OIT, estima-se que mundialmente uma em cada cinco pessoas com idade entre 15 e 24 anos esteja desempregada. No Brasil, lamentavelmente, a pobreza continua tendo uma cor: das 16 milhões de pessoas vivendo em extrema pobreza no país, 70,8% são negros e negras.

Segundo o levantamento da ONU, os salários médios dos negros no Brasil são 2,4 vezes mais baixos do que os dos brancos, e 80% dos analfabetos do Brasil são negros...”

São coisas que a gente sempre vê nas falas, sempre, repetidamente, mas é fundamental a gente colocar, porque, para a gente existir, a gente precisa resistir. Isso sempre foi colocado pra gente.

Provavelmente se Rodrigo não resistisse, não quisesse sobreviver, progredir, ele não estaria aqui hoje. Se não tivesse uma política pública à altura, como o Corra pro Abraço, ele também não estaria aqui hoje.

“(...) No nosso caso, o racismo à brasileira deixa bem claro em qual perfil a juventude busca investir de forma positiva, em detrimento da juventude negra, que sempre é posta como problema social. Prova disso são os níveis de violência homicida que aponta a cor ou a raça como principais características. Nessa lógica, somos perfilados como os matáveis, enquanto na mesma síntese observa-se um

proteccionismo exacerbado, comprovado pelos baixos níveis de vulnerabilidade e a elevação dos direitos garantidos, aos jovens brancos.

Na última década, o tema juventude entrou na pauta do debate público e também das políticas públicas, porém foi justamente nesse período histórico que aconteceram mais ações voltadas para jovens no Brasil. E a juventude negra participou desse processo, dessa conquista, considerando-se conquista o fato de a gente ter conseguido colocar a juventude na Constituição Federal; ter conseguido aprovar o Estatuto da Juventude; a gente ter contribuído para a criação dos conselhos nacionais e estaduais da juventude; e a criação da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial, desde o nível federal ao nível municipal.

Foi uma série de vitórias que a nossa geração conseguiu conquistar, e a juventude negra protagonizou esse processo. Mas foi nesse mesmo período histórico que mais morreu jovens negros na história do Brasil, então tem alguma coisa errada nisso aí.

É um Estado que, de um lado, diz que está incluindo, e do outro, matando ou deixando que morra. Do que adianta a existência de ações afirmativas, de políticas compensatórias, distributivas e reparatórias, se quando não é a bala que interrompe violentamente essa presença marcante da juventude negra, é a violência institucionalizada do Estado em sua ação ou inação, por meio do racismo institucional?

Os desafios em uma sociedade contraditória que nega ser racista, mas que necessita de ações afirmativas para a inclusão educacional da juventude negra, consiste na prática do racismo à brasileira, ou seja, do mito da democracia racial, cuja eminência é escancarada do véu da invisibilidade, posto que é um racismo reiteradamente negado e confundido com as formas de discriminação de classe, não racial.

Além disso, outro fator preponderante é a incompreensão dessa categoria – juventude –, cujas grandezas são múltiplas. Para compreender os aspectos de transitoriedade da juventude negra, precisamos ir além das mudanças físicas e biológicas, para além dos critérios de delimitação de idade. Precisamos, sim, entender os elementos socioculturais nos quais essa juventude negra está inserida, pois somos vistos como a negação do Brasil e historicamente vivemos em um universo em conflito que perpassa da autoestima às questões mais comuns, como a garantia dos direitos básicos: saúde, educação, moradia.

Quem mora em periferia sabe do que eu estou falando muito bem. Sabe o quanto é difícil para a gente, por exemplo, ter acesso a um transporte público de qualidade. No Subúrbio, por exemplo, a gente tem uma ciclovía que renomeamos de ‘ciclossuicida’ porque aquilo ali não é uma ciclovía. Ela está no meio de duas pistas de intensa mobilidade e com menos de 1 metro cada. Então isso é um absurdo.

De forma geral, percebemos que para a juventude negra é imposta uma condição, no mínimo, constrangedora e desumana. De um lado, ela é colocada como um problema para a sociedade, e do outro, ela carrega o peso de uma sociedade que diferencia pessoas por sua cor de pele. Nesse sentido, o protagonismo da juventude

negra nunca foi um problema, nunca mesmo, é a solução. Basta olhar o nosso passado e presente e verás que todas as conquistas e avanços sociais contaram com a participação da juventude, sobretudo da juventude negra.

Mostramos que somos capazes de formular e de propor ações relevantes e de contribuir para a solução de problemas sociais.

Para finalizar, trago um pouco da minha história, pois, para estar aqui hoje e ser o profissional que sou, busquei no mecanismo da educação a solução para o fim das violências diárias que sofri.

Hoje eu sou jornalista, educador, articulador político graças ao Prouni, uma política afirmativa que possibilitou a minha inserção na faculdade. E, assim como eu, acredito veementemente que outros jovens negros possam ter o acesso e serem reparados, mesmo que superficialmente, pois uma educação diferenciada e inclusiva possibilitará à juventude brasileira o protagonismo de sua história com mais dignidade e respeito, pois, apesar de sermos o público permanente da bala, somos, sobretudo, o público permanente da luta.”

Muito obrigado, gente.

(Palmas) (Rufam os tambores.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Só para informar, amanhã, às 14h, a Câmara Municipal de Camaçari, com a proposição do vereador Marcelino, aqui presente, estará realizando uma sessão especial em alusão ao 20 de novembro, correspondente ao Dia da Consciência Negra, cujo tema é Luta, Respeito e Não Retrocesso. Convidamos todos e todas.

Quero, neste exato momento, passar a palavra, para uma breve saudação, a Márcio Gomes, representando o Fórum Estadual de Educação da Bahia.

O Sr. MÁRCIO GOMES:- Boa tarde, já, a todos e todas, quero saudar o proponente da sessão, deputado Bira Corôa, os demais membros da Mesa. A minha saudação é breve, Bira, destacando apenas dois momentos.

Primeiro, reconhecer, enquanto instância, enquanto coordenador do Fórum Estadual de Educação da Bahia, hoje, o papel do deputado e do mandato do deputado Bira Corôa frente ao debate da educação dentro do estado da Bahia. A gente precisa reconhecer que você tem sido um grande parceiro nesse debate, que levanta... Destaco o último período, em que discutimos o Plano Estadual de Educação, e, mais recentemente, a organização das conferências municipais. No plano, para aqueles que acompanharam – estamos acompanhando – temos o movimento do conservadorismo. A militância nesse processo da construção do plano estadual, foi, de fato, efetiva, assim como a presença de Bira Corôa nesse processo.

A discussão de gênero, sexualidade, tem ainda sido uma pauta de grandes inquietações para as entidades do fórum estadual. Então esse é um momento de destaque.

O segundo é a data, a data da comemoração da Consciência Negra. Acho que a fala de Rodrigo nos contempla. Espaços como esse, eu digo sempre, são espaços formativos também para os que estão aqui aprendendo, descobrindo e reafirmando a nossa militância naquilo em que a gente acredita como direito social e direitos humanos.

Então um momento como este, eu digo hoje representando o Fórum Estadual de Educação, reafirma o nosso compromisso frente a uma entidade, a um órgão, a uma instância. Acho que é essa a provocação também que foi feita aqui hoje, e essa luta em busca dos direitos humanos e pela educação laica, gratuita, de qualidade, também perpassa pelos nossos compromissos nos espaços em que nós estamos enquanto cidadãos, enquanto negros e negras.

Então acho que é um recado que deixamos também. Saio daqui renovado e certo de que a militância à frente dessas instituições é importante também para reafirmarmos a frente de luta e de batalha.

Obrigado. Um abraço a todos.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nós é que agradecemos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra, neste exato momento, à Dr.^a Mônica Aragão, representando o defensor público geral do estado da Bahia, Dr. Clériston Cavalcante.

A Sr.^a MÔNICA ARAGÃO:- Bom dia, ainda, a todas e todos, porque aqui na Bahia, se não almoçamos, então é “bom-dia”.

Vou ser breve, pelo adiantado da hora, mas não podia deixar de vir aqui parabenizar. Como estou quebrando o protocolo, vou saudar todos na pessoa, mesmo, dessa plenária, que resistiu e está aqui até agora. E, claro, vou fazer uma saudação especial ao deputado Bira Corôa, pela proposição; a secretária Fabya e a minha amiga Maria, por quem eu tenho uma admiração, trabalhamos junto na questão da moradia, na luta pela moradia. O deputado Yulo, que teve que se ausentar, mas que também desenvolveu um trabalho bem bacana.

A Defensoria Pública está, como sempre esteve, ao lado de todas essas lutas importantes. Hoje nós realizamos um Júri Simulado, é um projeto de resgate da história. O júri de hoje foi sobre Zumbi, foi a história de Zumbi. Um projeto lindíssimo, pois não deixa em branco essa questão da consciência negra, que tem que ser comemorada mesmo. Temos que discutir, isso tem que estar sempre na ordem do dia.

A fala de Rodrigo, aqui, me emocionou muito, gostaria que ele fosse na Defensoria Pública falar para os defensores isso. Vamos marcar, sim, com a nossa escola, vamos falar aqui com a nossa escola superior, porque temos defensores que atuam nos presídios. Então, isso é importante, temos que disseminar esse discurso do lugar da fala e de quem vive, quem vivencia.

Então, fico muito feliz, já participei também de uma sessão pública que aconteceu na Câmara, para defender o Corra para o Abraço, um projeto belíssimo. E Rodrigo que estava aqui distribuindo. Falei assim: “Eu já sei, já conheço, eu estava lá na sessão”. Mas nunca é demais a gente ler. Quando vemos aqui a articulação de redes desse projeto maravilhoso, vemos a principal parceira, a Defensoria Pública, na articulação de redes, na questão da parte jurídica disso, e vamos continuar sendo.

Para finalizar, só queria, falando aqui com a juventude das redes sociais, que recebi aqui no WhatsApp um texto interessante, em que as pessoas perguntavam: “Mas por que tem que ter o Dia da Consciência Negra? Não teria que ser consciência humana?”. E o pessoal colocou: “Tudo bem, então vamos aqui um teste: complete abaixo se é humana ou negra nas lacunas. Segundo a ONU, a população negra é a mais afetada pela desigualdade social no Brasil. Hoje, de 100 pessoas assassinadas, 71 são negras. Os mais de 300 anos de escravidão ainda refletem no cotidiano da população negra. O índice de violência contra mulheres negras aumentou em 35%. Da população encarcerada no país, 61,6% é negra. A mão de obra negra no Brasil ocupa 48, 3% do mercado de trabalho informal. A população negra ganha 59% dos salários dos brancos. Apesar de 54% da população brasileira ser negra, apenas 12% dela está na Universidade”. Então, acho que dá para entender melhor por que precisamos de um dia para a consciência negra. Esse texto é de Gi Bonzata, queria finalizar com isso, agradecendo. Vamos continuar na luta. Contem com a gente. Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. Presidente (Bira Corôa):- Concedo a palavra neste momento à secretária de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia, Fabya Reis, e aproveito para agradecer, mais uma vez, a cumplicidade da secretaria e em especial da secretária Fabya. Posso dizer que a gente está presente em todas as frentes de lutas.

A Sr.ª FABYA REIS:- Bom dia a todas e todos, quero também saudar aqui o nosso proponente, deputado Bira Corôa, que faz esta sessão especial para que a gente marque o Dia da Consciência Negra, o nosso Novembro Negro, trazendo um tema também tão relevante. A gente destaca assim as conquistas. Como os que me antecederam aqui falaram, a gente precisa celebrar, visibilizar o que foi uma construção coletiva do nosso povo negro na resistência e na denúncia estrutural do nosso país. Se nós podemos hoje figurar, na campanha do Novembro Negro de 2017 do governo do estado, 10 anos de política de promoção da igualdade racial, é porque tivemos um momento social, o movimento negro do Brasil e da Bahia, resistente, pautando e denunciando.

Acho que as questões todas aqui colocadas, deputada Maria del Carmen, são assuntos e temas que nos incomodam enquanto cidadãs, cidadãos, brasileiros e baianos, por vermos que, depois de tantos anos, de tanta resistência, os problemas persistem, o racismo muda a sua forma, mas a sua violência possui a mesma potência que outrora.

Portanto, ver a nossa juventude, do seu lugar de fala, de vivência, denunciando o racismo institucional que chega nas comunidades se fazendo presente por sua violência, é para nós muito triste. E, na condição de secretária de Promoção da Igualdade Racial, esse é um desafio diuturno, porque essa secretaria tem uma natureza que foi forjada em diálogo de governos democráticos com o movimento negro. Portanto, o nosso papel institucional é também continuar dizendo: temos racismo institucional, sim, temos um racismo estrutural que vitimiza as nossas jovens mulheres negras. É louvável que se diga que a Lei Maria da Penha é muito importante nos nossos 16 Dias de Ativismo, que ela seja defendida também. Mas houve a redução de 8% da violência entre as mulheres brancas; e o incremento da violência entre as mulheres negras. Porque, quando a gente faz a intersecção do racismo, do machismo, da opressão de classe e de LGBT fobias, temos a nossa condição extremamente vulnerabilizada.

Portanto, o nosso papel é de incômodo, é de inquietação, é de provocação para fazer chegar naqueles ainda não sensibilizados. Como bem disse aqui o nosso vereador Marcelino, eles querem dizer que somos todos iguais, querem destituir e dizer que todas as representações e instituições não servem para coisa alguma, tirando o caráter revolucionário do voto, porque antes o nosso povo não podia votar. Foi na luta, foi na luta e nas ruas que o nosso povo teve a condição de votar.

É recuperar o caráter revolucionário também desse processo de indicação das representações, seja no Executivo, seja no Legislativo, seja nos outros Poderes. Aí quero parabenizar, saudando a nossa defensora aqui representando o Dr. Clériston Cavalcante, que tem sido um aliado também na promoção da igualdade racial. Hoje nós chegamos aqui um pouquinho porque tivemos lá uma aula de História, visibilizando a história de Zumbi dos Palmares, trazendo as versões das narrativas da História. E justamente a versão oficial colocava Zumbi como um criminoso, que teve, portanto, a sua pena máxima imputada. E hoje reivindicamos essas histórias para visibilizar heroínas e heróis negros. Portanto, gente, a gente tem orgulho, sim, de estar vendo um Novembro Negro forte, com a participação de movimentos sociais, das organizações, de várias secretarias de governo que trazem essa agenda. Hoje à noite, teremos Camila Pitanga falando para mulheres negras, falando do espaço de latifúndio também no espaço da comunicação, da mídia, da nossa representação.

Então, quero saudar toda a Mesa, dizendo que, de fato, Rodrigo, o nosso jovem que traz o seu testemunho, e também Maria Carolina, nós iremos fazer também esse debate dentro do estado. Os programas como NEOJIBA, que pudemos ver ontem, que alimentam sonhos, que oportunizam transformações, precisam ecoar em outros âmbitos da nossa instância governamental.

Então, eu quero, por fim, saudar as nossas companheiras que me antecederam, com muito carinho: Natália Gonçalves, nossa inspiração da juventude; Ana Carolina Rosário, do Instituto Odara; Luma Nascimento, nossa pedagoga, que vem aqui e dialoga. E eu dizia ali do desafio de falar para os menores, numa chave mais narrativa e discursiva. A Taís Trindade, nossa capitã, que passou por aqui; o nosso conselheiro Eduardo Machado, e também comunicólogo; Paulete, a nossa resistente, nossa parceira. Trazer um abraço do nosso governador, reafirmar os nossos compromissos.

Esses assuntos não nos intimidam, porque vai ser assim, vais ser na resistência, vai ser na luta, vai ser na ativação de quem ocupa os espaços de poder. Como assinalou, é uma questão de poder. Querem dizer que a gente não pode, querem dizer que a política não é espaço para a gente, que as institucionalidades não são espaço para a população de negros e negras. As cotas estão em disputa, políticas de promoção de igualdade racial, políticas para as mulheres sempre estarão em disputa, porque elas mexem com o privilégio estrutural deste país. Portanto, nós não recuaremos, e projetos como este que está tramitando para acabar com a Secretaria de Políticas para as Mulheres não terão eco, porque faremos dentro do governo e nas ruas, com certeza, para defender essas políticas.

Portanto, quero saudar trazendo Dandara, trazendo os nosso heróis e heroínas da Revolta dos Búzios, a força da nossa juventude negra, que nos aponta caminhos. Ela não só resiste, mas ela dá também o caminho, ela também nos ensina. Portanto, é a nossa ancestralidade com a nossa juventude que se encontra no Mês da Consciência para apontar caminhos.

Então, viva os nossos heróis e heroínas, o Mês da Consciência Negra de um povo que resiste todos os dias, durante todo o ano.

Boa tarde a todos e todas.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Pode fazer o convite.

A Sr.^a Mônica Aragão:- Só para lembrar a vocês que a Defensoria Pública fez uma parceria com o projeto Axé. Nós vamos lançar o diagnóstico de populações em situação de rua, dia 30 de novembro e dia 1º de dezembro nas Doroteias. As inscrições são gratuitas e estão sendo feitas através do site da Defensoria Pública pela Esdep. Conto com vocês lá, pois vai ser importante o diagnóstico da população em situação de rua.

Obrigada.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Já chegando ao final, quero, antes de mais nada, reafirmar o convite feito pelo vereador Marcelino para, amanhã, às 14 horas, na Câmara Municipal, uma sessão especial em celebração ao Dia da Consciência Negra no município de Camaçari.

Aproveito para saudar a presença de companheiros importantes, estratégicos nas nossas lutas lá em Camaçari. Vejo ali Sonivaldo, companheiro, militante desde a juventude nos movimentos estudantis, que foi um grande suporte, com quem tive a oportunidade de trabalhar junto no Poder Legislativo do município de Camaçari, na minha condição de vereador e presidente da Câmara. Sonivaldo e Jorginho, que aqui está, foram responsáveis pela condução do mandato e da gestão da Presidência daquele Poder Legislativo constituído.

Vejo ali Irineu, Carla... Permitam-me não citar todos e todas, senão vou terminar tendo que nominar todos aqui presentes, porque todos merecem destaque. Mas a gente já não tem tempo hábil para fazer isso. Em nome dos companheiros da

cultura do nosso município de Camaçari, eu me sinto muito gratificado pela presença de todos e de todas.

Aproveito para estender um convite, estamos servindo um simples coquetel no salão de recepções ao lado. Em nome do Poder Legislativo da Bahia, quero encerrar este ato agradecendo a presença de todos e todas, em especial aos que contribuíram diretamente com seus depoimentos. Em nome de Rodrigo e Maria, quero saudar e reafirmar a importância do programa e projeto Corra pro Abraço.

Tive a oportunidade de conhecer por dentro o trabalho quando fizemos uma sessão de quatro audiências públicas pela redução de danos. Consequentemente, pude presenciar depoimentos originados e pautados na *expertise* de quem viveu e vive a situação de rua, de quem viveu e vive a exclusão, de quem viveu e vive o descaso, o desrespeito e a falta de brio e de valor humano na condição de cárceres do nosso estado e sem dúvida nenhuma o apelo que é feito pela manutenção de um programa tão estratégico e tão importante.

Quero aqui me colocar, mais uma vez, à disposição dessa luta. Sei que é uma luta também da nossa secretária; é uma luta também da deputada Maria del Carmen; é uma luta também da Defensoria Pública. E sei que a gente pode somar um conjunto de parceiros e defensores para junto ao nosso governo não permitir o fim de um programa tão importante para a política afirmativa e, acima de tudo, garantir direitos de reintegração no contexto da sociedade. Para, assim, não chamar de política reparatória simplesmente, mas dizer de uma peça ou de um instrumento estratégico importante para reunir vidas, para reconstituir caminhos e, acima de tudo, elevar estimas. O que pude presenciar é que o Corra pro Abraço na sua essência é um dos maiores elementos fomentadores da autoestima das pessoas que se colocam na condição de invisibilizados.

Então, por isso, quero encerrar esta sessão às 12h49min, agradecendo especialmente pela presença de todos e todas e pela cumplicidade dos servidores desta Casa, dos contribuintes dos nossos mandatos pela parceria e por nos permitir findar mais uma atividade com o êxito que nós tivemos.

E, por fim, quero dar um abraço em todos e todas, já que o programa é Corra pro Abraço. Nós temos que nos abraçar para dizer que estamos vivos e precisamos resistir.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.